aquilo que resta

Hugo César Tavares em entrevista a Kátia Botelho de Carvalho

O que restou do seu encontro com Lacan?

Para mim o encontro pode ser tomado em seu duplo sentido — do encontro com o texto lacaniano e do encontro com o ensino de Lacan. O Lacan vivo, Lacan *vivant*. Normalmente o encontro das pessoas com Lacan se dá com o texto. Para as pessoas que não conheceram o Lacan vivo, há uma transferência com o texto. Então fica uma coisa mais fria, mais distante. Tal como quando se tem contato com o texto de Platão, Aristóteles...

Eu considero uma sorte, um privilégio ter conhecido o Lacan vivo, ensinando. O ensino de Lacan. E, aí, tem o lado — digamos — romanesco da coisa, a pessoa de Lacan, que era muito engraçada, muito agradável. A gente notava isso nos cursos, seu senso de humor muito grande. Era muito interessante — seu humor —, era diferente do humor inglês, por exemplo. Por outro lado, tem também uma coisa importante, que é o contato com o ensino de Lacan: Lacan falando é diferente do Lacan dos *Escritos*, do Lacan que escreve. Uma vez eu estava ouvindo Lacan, ao lado daquela colega de quem eu te falei, uma psicóloga. Para ela, era a primeira vez, e ela disse: "Olha! Quando Lacan fala é incrível, a gente entende tudo!".

E por quê? Porque ele fala com ponto e vírgula. Quer dizer, ele falava para determinadas pessoas e para pessoas determinadas. É diferente, não é?, do texto escrito para um outro, universal, impessoal — enfim, quando ele falava, de fato era muito mais fácil de entender. Então o ensino é a obra viva dele. E é uma coisa muito curiosa, é diferente. E isso aí dependeu, no meu caso, de certas circunstâncias, de sorte, e no de muitas pessoas também. Outros não tiveram essa sorte, ou então vieram depois de Lacan.

Mas o que me ficou? O que restou?

Bem, tem uma coisa que me chamou a atenção. Primeiro, eu era estudante de filosofia, com interesse muito grande pela psicanálise. E pela primeira vez eu vi e ouvi um psicanalista que se referia constantemente à filosofia. Isso era inusitado! Porque a tradição que se tinha até aquele momento, na psicanálise, era de uma total distância da filosofia. Freud, por exemplo, e toda a tradição da psicanálise inglesa, internacional, está muito longe

da filosofia. De repente aparece alguém, Lacan, que constantemente se referia à filosofia. É claro, ele tinha uma cultura muito grande, quem o conhecia pessoalmente notava isso. A gente vê pelos *Escritos*, uma cultura seja ela humanística, como se dizia, como também científica. Talvez nem Freud tenha se equiparado, porque além do que Freud conhecia, Lacan conhecia também muita filosofia, muita lógica, muita matemática. Enfim, a cultura de Lacan é uma cultura imensa. Isso aparecia claramente nas conferências, nos seminários, em toda palestra que ele fazia. Isso foi como um chamariz, foi algo assim inusitado que, de alguma maneira, me arrebatou. E a partir daí eu começo a me interessas por Lacan, pela obra de Lacan.

Embora Lacan, no decorrer de seu contato com a filosofia, tenha chegado num determinado momento à anti-filosofia, no início dos anos 70, é bom lembrar que nem por isso... estou me lembrando agora de Jean-Claude Milner, na *Obra Clara*, ele nota isso e diz que a indiferença filosófica não é uma indiferença à filosofia. Assim como a indiferença política não é uma indiferença à política. Então, veja bem, seu contato com a filosofia variou, ele pegava um determinado filósofo e seguia; passava pra outro, abandonava, mas sempre se referia à filosofia.

Portanto, para mim, ficou, a partir daí, uma coisa muito peculiar, porque eu não conseguia mais e não consigo mais fazer filosofia sem me referir à psicanálise, sobretudo à psicanálise lacaniana. De modo que a filosofia, pra mim, hoje, é impensável sem um contato com a psicanálise, assim também um pouco com a lingüística, com a antropologia cultural, mas mais com a psicanálise. Esses três domínios formam uma zona de interlocução para mim obrigatória, sobretudo a psicanálise, sobretudo Lacan.

Então, isso ficou — a partir desse encontro com a obra e o ensino de Lacan, eu não consegui mais fazer filosofia, trabalhar filosoficamente, sem freqüentar, sem me referir à psicanálise lacaniana. Essa foi a grande herança... — ou seja, restou a minha filosofia marcada pela psicanálise lacaniana.